

COMPORTAMENTO VERBAL E ENSINO: ANÁLISE DA FORMAÇÃO DE REPERTÓRIOS VERBAIS EM AMBIENTES ESCOLARES SOB A PERSPECTIVA DE SKINNER

Matheus Marques Rodrigues da Costa ¹ e Danielle Borges Xavier ²

Resumo

A aplicação da teoria do comportamento verbal de Skinner ao ensino escolar ainda carece de investigações detalhadas sobre as contingências ambientais que formam e mantêm repertórios verbais. Esta pesquisa realizou uma revisão bibliográfica para analisar a instalação desses repertórios sob a ótica do behaviorismo radical. Foram examinadas produções científicas que abordam a linguagem como comportamento operante, com foco na atuação do professor como ouvinte e mediador e nas variáveis ambientais que favorecem a aprendizagem verbal. A revisão priorizou estudos com rigor metodológico e alinhamento à análise funcional do comportamento, identificando práticas escolares que fortalecem os operantes verbais. Os resultados destacaram a importância da escuta pedagógica para sustentar interações verbais em sala de aula. Professores que respondem sensivelmente às emissões dos alunos reforçam e ampliam seu comportamento verbal. Além disso, a distinção entre repertórios de falante e ouvinte, proposta por Skinner, fornece diretrizes para intervenções pedagógicas eficazes. Conclui-se que a linguagem, enquanto comportamento operante, depende de contingências específicas para sua emergência e manutenção. Um ambiente escolar estruturado com base na análise funcional favorece repertórios verbais duradouros, reforçando a necessidade de práticas pedagógicas embasadas em princípios científicos.

Palavras-chave: Comportamento Verbal; Repertórios verbais; behaviorismo radical; comportamento operante; Escola;

VERBAL BEHAVIOR AND TEACHING: ANALYSIS OF THE FORMATION OF VERBAL REPERTOIRES IN SCHOOL ENVIRONMENTS FROM SKINNER'S PERSPECTIVE

Abstract

The application of Skinner's verbal behavior theory to school teaching still lacks detailed investigations into the environmental contingencies that shape and maintain verbal repertoires. This research conducted a literature review to analyze the establishment of these repertoires from the perspective of radical behaviorism. Scientific studies addressing language as operant behavior were

¹Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Maranhão, Amazonas, Brasil. E-mail: marques.matheus@discente.ufma.br

²Mestra em Teoria e Pesquisa do Comportamento pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Professora do Centro Universitário Maurício de Nassau (UNINASSAU). Teresina, Piauí, Pará, Brasil. E-mail: daniellexavierpsi@gmail.com



examined, focusing on the teacher's role as a listener and mediator and the environmental variables that facilitate verbal learning. The review prioritized studies with methodological rigor and alignment with functional behavior analysis, identifying school practices that strengthen verbal operants. The results highlighted the importance of pedagogical listening in sustaining verbal interactions in the classroom. Teachers who respond sensitively to students' verbal emissions reinforce and expand their verbal behavior. Furthermore, Skinner's distinction between speaker and listener repertoires provides guidelines for effective pedagogical interventions. It is concluded that language, as operant behavior, depends on specific contingencies for its emergence and maintenance. A school environment structured based on functional analysis promotes lasting verbal repertoires, reinforcing the need for pedagogical practices grounded in scientific principles.

Keywords: Verbal Behavior; Verbal Repertoires; Radical Behaviorism; Operant Behavior; School.

COMPORTAMIENTO VERBAL Y ENSEÑANZA: ANÁLISIS DE LA FORMACIÓN DE REPERTORIOS VERBALES EN AMBIENTES ESCOLARES DESDE LA PERSPECTIVA DE SKINNER

Resumen

La aplicación de la teoría del comportamiento verbal de Skinner a la enseñanza escolar aún carece de investigaciones detalladas sobre las contingencias ambientales que forman y mantienen los repertorios verbales. Esta investigación realizó una revisión bibliográfica para analizar la instalación de estos repertorios desde la perspectiva del conductismo radical. Se examinaron producciones científicas que abordan el lenguaje como comportamiento operante, con énfasis en la actuación del profesor como oyente y mediador, así como en las variables ambientales que favorecen el aprendizaje verbal. La revisión priorizó estudios con rigor metodológico y alineados al análisis funcional del comportamiento, identificando prácticas escolares que fortalecen los operantes verbales. Los resultados destacaron la importancia de la escucha pedagógica para sostener interacciones verbales en el aula. Los profesores que responden de manera sensible a las emisiones de los estudiantes refuerzan y amplían su comportamiento verbal. Además, la distinción entre repertorios de hablante y de oyente, propuesta por Skinner, proporciona directrices para intervenciones pedagógicas eficaces. Se concluye que el lenguaje, entendido como comportamiento operante, depende de contingencias específicas para su emergencia y mantenimiento. Un ambiente escolar estructurado con base en el análisis funcional favorece repertorios verbales duraderos, reforzando la necesidad de prácticas pedagógicas fundamentadas en principios científicos.

Palabras clave: Comportamiento verbal; repertorios verbales; conductismo radical; comportamiento operante; escuela.



1. Introdução

No âmbito da educação escolar, a aplicação dos princípios da Análise do Comportamento tem permitido compreender os processos envolvidos na formação de repertórios verbais em ambientes escolares. Sob a perspectiva funcional proposta por Skinner (1957), o comportamento verbal é entendido como uma classe de respostas que se mantém pelas consequências mediadas socialmente, especialmente por um ouvinte. Nesse sentido, a escola se configura como uma comunidade verbal rica em estímulos e contingências, oferecendo inúmeras oportunidades para o fortalecimento dos operantes verbais. Professores, colegas e demais agentes educacionais desempenham papéis fundamentais como ouvintes, modelando e selecionando, por meio do reforçamento, as respostas verbais dos alunos.

As interações estabelecidas em sala de aula evidenciam, frequentemente, a presença de diferentes operantes verbais. As respostas do tipo tato, por exemplo, podem ser observadas quando o aluno nomeia objetos, eventos ou conceitos diante de estímulos não verbais. O mando, por sua vez, aparece em situações nas quais o estudante solicita ajuda, recursos ou informações, sendo mantido por consequências específicas, como o acesso ao que foi solicitado. O ecóico, comum em fases iniciais de aprendizagem, revela-se nas repetições verbais do que é dito pelo professor, funcionando como importante mecanismo para a consolidação de novos repertórios linguísticos. Tais operantes não apenas refletem os processos de ensino, mas também constituem indicadores do progresso verbal dos alunos, fornecendo dados objetivos para a avaliação pedagógica (Almeida-Verdu *et al.* 2014).

É preciso destacar que o processo de ensino e aprendizagem, sob essa abordagem, não se restringe à simples transmissão de conteúdo, mas implica a criação de condições para que determinados comportamentos verbais sejam emitidos e mantidos. A tarefa do educador, nesse contexto, envolve o planejamento de contingências eficazes para a instalação e expansão dos repertórios desejados, bem como a identificação de barreiras que possam estar interferindo nesse processo. Cordeiro e Matos (2023) encontraram que a estruturação de ambientes educacionais funcionalmente organizados, que promovam oportunidades de prática, feedback e reforçamento contínuo, é essencial para garantir que o comportamento verbal dos alunos evolua de forma sistemática e significativa.

Com base nos fundamentos estabelecidos por Skinner (1957), torna-se evidente que o desenvolvimento verbal em ambientes escolares é fruto de interações contingentes cuidadosamente moldadas. A análise dessas contingências possibilita intervenções mais precisas, voltadas à ampliação dos repertórios verbais necessários ao desempenho acadêmico e à participação social. Dessa forma, o ensino deixa de ser um processo exclusivamente centrado na exposição de conteúdos e passa a ser compreendido como a construção de condições ambientais que favoreçam a aprendizagem de comportamentos verbais complexos e duradouros. Essa perspectiva representa não apenas uma

contribuição teórica, mas um instrumento prático para a qualificação do ensino em seus múltiplos níveis.

A presente pesquisa tem como problema central a seguinte pergunta: de que forma os repertórios verbais são formados e desenvolvidos em ambientes escolares a partir das contingências estabelecidas entre professores, alunos e demais agentes educacionais, segundo a análise funcional proposta por Skinner? Nesse sentido, o objetivo geral do estudo consiste em analisar, sob a perspectiva do behaviorismo radical de Skinner, como os repertórios verbais são construídos e mantidos no contexto escolar, considerando as contingências ambientais que favorecem o ensino e a aprendizagem desses comportamentos. Para isso, serão adotados três objetivos específicos: (I) investigar os fundamentos teóricos da análise do comportamento verbal com base na obra de Skinner e seus desdobramentos na educação; (II) examinar estudos empíricos e teóricos que abordam a formação de repertórios verbais em ambientes escolares, com foco em diferentes operantes verbais; e (III) identificar práticas pedagógicas e estratégias educacionais que, fundamentadas na análise do comportamento, favoreçam a ampliação e o refinamento de comportamentos verbais no processo de ensino-aprendizagem.

Justifica-se esta pesquisa pela necessidade de aprofundar a compreensão sobre o papel das contingências sociais e pedagógicas na formação de comportamentos verbais no ambiente escolar, especialmente a partir de uma abordagem funcionalista, conforme proposta por Skinner. Em contextos educacionais marcados pela heterogeneidade dos alunos e pelas exigências de práticas pedagógicas eficazes, torna-se fundamental compreender como os repertórios de falante e de ouvinte se constituem e se mantêm a partir das interações que ocorrem em sala de aula. Tal compreensão pode subsidiar a elaboração de estratégias pedagógicas mais efetivas, ancoradas na ciência do comportamento, voltadas ao desenvolvimento de habilidades linguísticas essenciais para o desempenho acadêmico e a inserção social dos alunos.

2. Referencial teórico

O comportamento verbal, conforme proposto por Skinner (1957), constitui a primeira formulação sistemática do behaviorismo radical voltada à interpretação do comportamento do falante. Para o autor, os fenômenos tradicionalmente denominados linguagem devem ser analisados segundo os mesmos princípios aplicados ao comportamento não verbal, sendo "comportamento verbal" o termo adotado para designar um operante mantido pelas consequências que produz. Abordagens contemporâneas, como a *Relational Frame Theory*, têm aprofundado a compreensão do comportamento verbal, ampliando essa análise ao incluir relações arbitrárias entre estímulos aprendidas socialmente, que explicam formas mais complexas de comportamento verbal, como metáforas (Ming; Stewart; McElwee, 2024).

A principal distinção entre os operantes verbais e os não verbais reside na mediação social presente no primeiro: o comportamento verbal atua sobre o ambiente por meio da ação de um ouvinte (Skinner, 1957). Em outras palavras,



as consequências desse tipo de comportamento dependem da resposta de outra pessoa. A atuação do ouvinte, por sua vez, é moldada e refinada pelas contingências estabelecidas no interior de uma comunidade verbal, responsável por desenvolver e sustentar os repertórios tanto de falante quanto de ouvinte (Gaiato, 2024; Vargas, 2022).

A compreensão do “significado” segundo a abordagem de Skinner (1957) parte da análise funcional das relações entre o falante, o ouvinte e o ambiente. Diferentemente das concepções tradicionais, que concebiam o significado como a expressão de uma ideia ou como uma referência compartilhada, essa perspectiva propõe uma análise das variáveis ambientais que controlam o comportamento verbal, evidenciada por estudos que mostram o impacto das condições antecedentes sobre o controle verbal (O’Neil *et al.* 2023). Para ilustrar sua proposta, Skinner descreve uma situação simples: alguém pergunta as horas a outra pessoa. Enquanto as abordagens clássicas sugeririam que há uma ideia sendo transmitida e partilhada, o behaviorismo radical analisa as diferentes funções e consequências envolvidas tanto para quem pergunta quanto para quem responde. Nesse viés, Ardila (2007, p. 02) explica que:

Verbal Behavior estuda o comportamento verbal como um problema empírico. Afirmo que os sons linguísticos são emitidos e reforçados como qualquer outro comportamento. Nessa análise funcional do comportamento verbal, ocupam lugar especial três conceitos propostos por Skinner: o mando, o tato e os autoclíticos. O mando representa uma ampla classe de afirmações que fazem solicitações ao ouvinte, como, por exemplo, “Por favor, traga-me um copo d’água”; representa ainda o comportamento verbal que está sob o controle direto de suas consequências. Os mandos são operantes verbais que especificam seu reforçador (água, no exemplo referido). A palavra mando deriva da palavra inglesa *command*, que em português significa mandar, ordenar (Ardila, 2007, p. 02).

Na perspectiva de Skinner (1957), o significado não se encontra nas palavras isoladamente, mas nas condições ambientais que evocam tais palavras e nas consequências que essas respostas produzem. Assim, o que se chama de referência pode ser melhor entendido como o conjunto de estímulos e contingências que controlam a emissão da resposta verbal, bem como sua compreensão pelo ouvinte. Estudos contemporâneos reforçam essa visão: pesquisas sobre controle de estímulos verbais e a relação intraverbal destacam que estímulos verbais antecedentes (por exemplo, verbais condicionais ou compostos) exercem papel essencial na evocação de respostas verbais mesmo na ausência de estímulos não verbais diretos (Smith, 2019).

No que tange a Análise do Comportamento, embora a palavra possa ser reconhecida como uma unidade gramatical, ela não constitui, por si só, uma unidade adequada para uma investigação funcional do comportamento verbal conforme os princípios estabelecidos por Skinner (1957; Sivaraman *et al.*, 2023). Para que tal análise seja consistente com essa abordagem, é essencial

identificar a resposta emitida pelo falante, os eventos antecedentes que a evocam e as consequências que a mantêm (O'Neil *et al.*, 2023; Simon, 2020). A compreensão das características funcionais do comportamento verbal, segundo essa perspectiva, exige a descrição precisa das contingências envolvidas em cada episódio verbal, o que inclui necessariamente o comportamento do ouvinte.

Com base nessa lógica, Skinner (1957) propôs uma classificação funcional das diferentes formas de comportamento verbal, estruturando uma taxonomia baseada nas relações de controle envolvidas (Sivaraman *et al.*, 2023). Dentre os operantes definidos, destacam-se o tato, o mando e o ecóico, que assumem papel central neste estudo (O'Neil *et al.*, 2023; Simon, 2020). A escolha dessas categorias se justifica tanto por sua relevância na análise dos fenômenos apresentados quanto por apresentarem, frequentemente, os primeiros repertórios verbais adquiridos por crianças em processo de desenvolvimento linguístico (Skinner, 1957; Sivaraman *et al.*, 2023).

O tato refere-se a respostas verbais que podem ser vocais ou motoras, como na comunicação por meio da Língua Brasileira de Sinais (Libras), e são evocadas por estímulos discriminativos não verbais. Esses estímulos podem estar relacionados a objetos, seres vivos, locais, eventos, sensações físicas ou lembranças, ou seja, a qualquer alteração nos estímulos sensoriais acessíveis ao falante. A consequência dessas respostas, quando socialmente mediada, pode fortalecer sua ocorrência. Um exemplo seria o de uma criança que, ao ver uma ave, diz "passarinho" e, em seguida, recebe a atenção e o sorriso da mãe. Esse comportamento da mãe pode funcionar como um reforço social, aumentando a probabilidade de a criança repetir a mesma resposta verbal na presença do mesmo estímulo visual (Skinner, 1957; Sivaraman *et al.*, 2023).

O mando caracteriza-se por respostas verbais, vocais ou motoras emitidas em contextos nos quais há alguma condição motivadora, como uma necessidade ou desconforto, sendo essas respostas mantidas por consequências diretamente relacionadas a essas condições (Skinner, 1957; Sivaraman *et al.*, 2023). Por exemplo, uma criança pode apontar ou dizer algo semelhante a "tetê" ao visualizar uma mamadeira, e como resultado desse comportamento, receber o objeto desejado das mãos da mãe (O'Neil *et al.*, 2023; Simon, 2020). Nesse caso, a resposta é reforçada pela entrega da mamadeira, o que aumenta a probabilidade de ocorrer em situações semelhantes futuras.

O operante ecóico, por sua vez, envolve a emissão de uma resposta verbal sob o controle de estímulos verbais, geralmente auditivos, que compartilham semelhança estrutural com a resposta emitida (Skinner, 1957; Sivaraman *et al.*, 2023). Essa relação também se aplica à comunicação por meio de sinais, como na Língua Brasileira de Sinais (Libras), em que há correspondência motora entre o estímulo e a resposta (O'Neil *et al.*, 2023; Simon, 2020). Um exemplo simples é o da criança que, ao ouvir a mãe dizer "au-au", repete a mesma expressão e recebe elogios como consequência. O reforço social fornecido contribui para a manutenção desse tipo de resposta (Skinner, 1957; Sivaraman *et al.*, 2023).

A sistematização dos operantes verbais foi apresentada por Skinner (1957) em "Verbal Behavior", obra na qual descreveu os princípios que regem o comportamento verbal a partir de uma perspectiva funcional. Sua proposta, entretanto, enfrentou resistência inicial, sobretudo de teóricos das abordagens linguísticas tradicionais, que a consideraram insuficiente para explicar a rapidez e a complexidade da aquisição da linguagem infantil (Sturdy; Nicoladis, 2017). Pesquisas recentes, contudo, têm reafirmado a relevância dessa análise, evidenciando sua aplicação no ensino de repertórios verbais (Tincani *et al.*, 2020) e destacando a interdependência funcional entre os operantes, o que reforça sua importância para a compreensão do desenvolvimento linguístico (Mason; Andrews, 2024).

Críticas relevantes também emergiram no interior da própria Análise do Comportamento. Diversos pesquisadores apontaram a ausência, na proposta original de Skinner (1957), de métodos experimentais robustos capazes de validar empiricamente a análise funcional do comportamento verbal. Essa lacuna foi alvo de discussões importantes ao longo das décadas seguintes, uma vez que o fenômeno verbal envolve múltiplas variáveis ambientais e históricas que desafiam o controle experimental direto (Catania, 2013; Sturdy; Nicoladis, 2017). Parte das críticas concentrou-se na dificuldade de aplicar os conceitos skinnerianos em contextos práticos de ensino e intervenção, especialmente diante da complexidade e da natureza dinâmica do comportamento verbal. Mesmo diante dessas limitações, a obra de Skinner permanece como uma das mais influentes tentativas de integrar a linguagem ao arcabouço científico do comportamento, servindo de base para avanços posteriores e revisões contemporâneas que buscam ampliar e operacionalizar seus princípios (Tincani *et al.*, 2020; Mason; Andrews, 2024).

A proposta de Skinner (1957) para a análise do comportamento verbal enfrentou, por muitos anos, dificuldades metodológicas que impediram o avanço de investigações experimentais consistentes nessa área. Como resultado, durante várias décadas, o comportamento verbal foi pouco explorado cientificamente. Apesar da recepção inicial pouco entusiástica, alguns argumentos sustentam a viabilidade da análise funcional da linguagem, destacando que os operantes verbais podem ser compreendidos com o uso dos princípios básicos da Análise do Comportamento. Além disso, a distinção conceitual entre os repertórios de falante e de ouvinte mostrou-se particularmente útil em contextos de ensino, principalmente no trabalho com pessoas com deficiência. Fonseca (2003) explica essa relação:

Segundo Skinner, o comportamento verbal é comportamento operante, agindo sobre o ambiente e sofrendo as consequências da alteração que provoca nele. Estas consequências – como o reforço e a punição – determinarão a probabilidade de emissão futura da classe de respostas que integram o operante. O que individualiza o comportamento verbal frente aos outros operantes é que, em seu caso, as relações entre a consequência provida pelo ambiente e a resposta são reguladas por práticas culturais. (Fonseca, 2003, p. 196).

Uma estratégia relevante para avaliar a expansão das pesquisas sobre a abordagem funcional da linguagem tem sido a análise longitudinal da produção científica ao longo do tempo, independentemente da filiação teórica declarada pelos estudos. Levantamentos bibliométricos indicam que houve um aumento expressivo nas referências à obra “Verbal Behavior” de Skinner em publicações entre 2005 e 2016, tanto em estudos teóricos quanto empíricos, quando comparadas a décadas anteriores (Petursdottir; Devine, 2017). Além disso, observa-se um crescimento considerável no número de investigações que manipulam ou mensuram operantes verbais, incluindo pesquisas com dispositivos geradores de fala, mesmo quando expressões como “comportamento verbal” não aparecem explicitamente nos títulos ou resumos (Tincani, *et al.* 2020; Aguirre *et al.* 2016). Esse avanço quantitativo evidencia o fortalecimento da área e demonstra a aplicação crescente dos conceitos desenvolvidos por Skinner (1957), indicando maior relevância e operacionalização da abordagem funcional da linguagem em pesquisas experimentais modernas.

Outro ponto de destaque no campo é a relevância crescente das investigações voltadas ao ensino de repertórios verbais, com ênfase em procedimentos que favoreçam a aquisição e o fortalecimento desses comportamentos (Azoubel *et al.*, 2023; Tincani *et al.*, 2020). Nesse contexto, a diferenciação entre o comportamento do falante e o do ouvinte tornou-se uma variável crucial para a estruturação de programas de ensino. De acordo com Skinner (1957), o comportamento do ouvinte tende a emergir antes do comportamento de falante, sendo os dois repertórios tratados como funcionalmente independentes. No entanto, apenas o comportamento de falante é classificado como verbal dentro da estrutura conceitual proposta, o que fundamenta grande parte das intervenções educacionais e de pesquisa em análise do comportamento verbal (Mason; Andrews, 2024).

Essa separação, embora clara na formulação original, tem sido alvo de debates entre pesquisadores contemporâneos, alguns dos quais defendem a interdependência entre os repertórios de ouvinte e de falante. Para esses estudiosos, há uma sobreposição funcional que dificulta tratar tais comportamentos totalmente dissociados. As discussões atuais refletem não apenas o amadurecimento da área, mas também a necessidade de constante revisão e aprofundamento das proposições teóricas no campo da análise do comportamento verbal (Silva *et al.* 2024).

No que se refere ao comportamento do ouvinte, Skinner (1957) descreve respostas que, embora distintas em forma e nas condições de controle, compõem uma mesma classe funcional. Exemplos apontam para o objeto correto ou nomeá-lo quando solicitado, comportamentos frequentes nas interações entre adultos e crianças pequenas. Tais respostas evidenciam como o comportamento do ouvinte participa ativamente da construção de novos repertórios verbais e do desenvolvimento das relações entre falante e ouvinte (Aguirre *et al.* 2016).

A questão central envolve compreender como as respostas infantis se tornam apropriadas ao contexto social. Durante as interações, os cuidadores expõem a criança a uma variedade de palavras e expressões, favorecendo a aprendizagem de diferentes funções comunicativas, mesmo antes do domínio da fala. Esse repertório, formado por respostas com distintas topografias e funções, está fortemente ligado à aquisição do comportamento de falante. Abordagens teóricas indicam que o desenvolvimento do repertório do ouvinte é essencial para a emergência do comportamento verbal, sendo influenciado por processos de generalização e discriminação que organizam essas respostas e possibilitam à criança construir um repertório linguístico funcional (Skinner, 1957; Silva *et al.* 2024).

Ao abordar essas interações sob uma perspectiva funcional, a proposta de Skinner (1957) oferece uma base sólida para compreender como as respostas do ouvinte se moldam ao longo das experiências sociais. As interações contínuas com adultos, combinadas a reforçadores sociais e à exposição sistemática a estímulos verbais, possibilitam que a criança passe a responder de maneira cada vez mais sofisticada. A complexidade envolvida nesse processo ressalta a importância de analisar os comportamentos de ouvinte como elementos fundamentais para o desenvolvimento da linguagem e da comunicação verbal.

A partir das contribuições de Skinner (1957, 1974), desenvolveu-se a hipótese de que a exposição repetida ao pareamento entre estímulos verbais e não verbais, é fundamental para o desenvolvimento do repertório do ouvinte. Esse processo ocorre em interações cotidianas nas quais adultos destacam elementos do ambiente enquanto os nomeiam, criando relações entre estímulos visuais e auditivos que permitem à criança associar palavras a objetos ou eventos (Csibra; Gergely, 2019; O'Neil *et al.*, 2023). Estudos recentes reforçam essa visão ao demonstrar que gestos ostensivos e pistas multimodais durante a fala dos cuidadores facilitam a aprendizagem inicial da linguagem e o estabelecimento de relações simbólicas (Infant Behavior e Development, 2023; Developmental Review, 2023).

Evidências experimentais mostram que o aprendizado de comportamentos de ouvinte por meio de pareamento ostensivo pode gerar respostas generalizadas, não restritas aos estímulos originais. Assim, quando a criança aprende a identificar um objeto específico, tende a responder de maneira similar diante de novos exemplares com propriedades compartilhadas, ou seja, fenômeno explicado pela generalização de estímulos (Greer; Ross, 2008; Sivaraman *et al.*, 2023). Essa capacidade de responder a variações de um mesmo estímulo reflete a formação de classes de estímulos e a ampliação do repertório verbal em contextos naturais de interação, sustentando a importância das contingências ambientais na aquisição da linguagem.

Ainda que Skinner (1974) tenha enfatizado a relevância de investigar as condições sob as quais crianças aprendem a ouvir e a falar, observa-se escassez de estudos que descrevam detalhadamente as contingências do ambiente natural que favorecem o desenvolvimento verbal nos primeiros anos de vida. Pesquisas longitudinais recentes evidenciam que as respostas verbais emergem

de interações espontâneas entre adultos e crianças, nas quais o comportamento do ouvinte e do falante se moldam mutuamente (Infant Behavior e Development, 2023; Sivaraman *et al.*, 2023). Esses achados reforçam a necessidade de compreender a linguagem não apenas como estrutura formal, mas como produto de relações funcionais entre o comportamento e o ambiente.

Com base nos achados da Análise do Comportamento, formulou-se a hipótese de que o mando emitido pelos adultos exerce uma função instrucional essencial no desenvolvimento linguístico infantil, ao indicar precisamente qual resposta será reforçada. Essa instrução contingente favorece o fortalecimento simultâneo dos repertórios de ouvinte e de falante, pois estabelece relações claras entre estímulos, respostas e consequências nas trocas verbais (Skinner, 1957; Sundberg; Michael, 2020). Nessa perspectiva, o mando ultrapassa a função de mera solicitação, assumindo papel central na aquisição dos comportamentos verbais ao orientar a criança sobre as contingências presentes na interação. Pesquisas recentes demonstram que a responsividade parental, especialmente a que envolve mandos claros e reforço contingente, está associada à aceleração da aprendizagem verbal e à emergência de novos operantes na primeira infância (Greer *et al.*, 2022; Sivaraman *et al.*, 2023).

Além disso, estudos longitudinais indicam que o comportamento verbal da criança se desenvolve em constante interdependência com o comportamento verbal de seus cuidadores, formando um sistema dinâmico de trocas recíprocas (Boas, 2014; O'Neill *et al.*, 2023). As análises mostram que o repertório de ouvinte tende a anteceder o de falante, mas ambos evoluem conjuntamente à medida que o ambiente social reforça respostas cada vez mais complexas. Nesse processo, o comportamento ecóico tem papel crucial, funcionando como uma ponte entre a imitação vocal e o surgimento dos primeiros operantes verbais (Greer; Ross, 2008; Sivaraman *et al.*, 2023). Tais evidências empíricas corroboram as proposições de Skinner (1957) sobre o papel da comunidade verbal na formação e expansão dos repertórios linguísticos, confirmando a relevância da abordagem funcional para compreender o desenvolvimento da linguagem em contextos naturais.

Em síntese, os estudos revisados evidenciam que o desenvolvimento da linguagem resulta das contingências estabelecidas nas interações entre a criança e sua comunidade verbal, nas quais mandos, tatos e ecóicos se consolidam a partir do reforço social e da responsividade dos cuidadores. Apesar dos avanços teóricos, ainda há lacunas quanto à descrição das contingências naturais envolvidas nesse processo (Boas, 2014; Greer *et al.*, 2022; Sivaraman *et al.*, 2023). Essas investigações ilustram, com base empírica, como os ambientes sociais moldam e sustentam os repertórios linguísticos infantis, confirmando a relevância da abordagem funcional para compreender o desenvolvimento da linguagem.

3. Metodologia

Nesta pesquisa adotou-se uma metodologia de natureza bibliográfica, com a compilação, análise e síntese de informações extraídas de publicações



científicas previamente disponibilizadas em artigos acadêmicos, dissertações, teses e livros especializados, com ênfase em fontes que tratam da análise do comportamento verbal e suas aplicações no campo educacional.

Foram consultadas bases de dados eletrônicas amplamente reconhecidas, como Scielo, Google Acadêmico e CAPES Periódicos, utilizando-se termos como "comportamento verbal", "análise do comportamento", "repertório verbal", "ambiente escolar" e "Skinner".

A seleção dos materiais levou em consideração a atualidade, a relevância temática e a consistência metodológica das publicações, garantindo uma abordagem ampla e rigorosa da produção científica relacionada ao desenvolvimento de repertórios verbais sob a perspectiva funcionalista em contextos de ensino.

4. Resultados e discussões

A relação entre contingências de reforçamento e o desenvolvimento da linguagem em ambientes escolares pode ser compreendida a partir da análise funcional das interações verbais estabelecidas nesses contextos. O comportamento verbal, enquanto classe de respostas mediadas socialmente, depende da presença de um ouvinte sensível às variáveis que mantêm essas respostas. Ao considerar o cenário escolar, observa-se que a organização das contingências de reforço pode favorecer significativamente a instalação e o refinamento de repertórios verbais nos alunos. Essa perspectiva torna-se ainda mais relevante quando se analisa o papel do professor como agente de reforçamento e modelação dos comportamentos linguísticos emitidos pelas crianças. Essa visão contrapõe-se a abordagens mais tradicionais, uma vez que, de acordo com Barros (2003), o comportamento verbal não deve ser tratado apenas como expressão de conteúdos internos, mas como um fenômeno sujeito às mesmas leis que regem os comportamentos operantes.

Nessa direção, as contingências estabelecidas no ambiente educacional funcionam como antecedentes e consequentes que selecionam determinadas formas de responder verbalmente. A maneira como o educador reforça, modela ou corrige respostas verbais influencia diretamente a frequência e a topografia desses comportamentos, o que demonstra a importância de práticas pedagógicas baseadas na análise funcional do comportamento. Reforçando essa compreensão da mediação por contingências, o estudo conduzido por Fonseca *et al.* (2003) aponta que o comportamento verbal se estrutura com base em diferentes relações de controle, as quais se estabelecem nas interações sociais entre falante e ouvinte.

No contexto escolar, essa relação é constantemente mediada por instruções, perguntas, comentários e correções emitidas pelos professores, que funcionam como estímulos discriminativos para a emissão de respostas verbais. O reforçamento positivo, como o elogio ou o reconhecimento social, tende a manter e fortalecer essas respostas, ampliando gradualmente o repertório linguístico do aluno. A importância desse papel mediador do adulto é um ponto

crucial, corroborado, inclusive, por Grecco *et al.* (2018) discutem como o envolvimento de figuras adultas na mediação da aprendizagem verbal potencializa os efeitos das contingências de reforçamento.

Embora o estudo se concentre no ambiente familiar, seus achados podem ser transpostos para o contexto escolar, pois destacam o papel do adulto como mediador da linguagem. Quando o professor oferece modelos verbais consistentes, reforça adequadamente as tentativas de resposta e ajusta o nível de exigência à competência da criança, cria-se um ambiente verbal rico em oportunidades de aprendizagem. Para que esse aprendizado seja generalizado e funcional em diferentes situações, Guerra e Verdu (2020) demonstram que o uso de múltiplos exemplares em práticas de ensino verbal contribui para a generalização de respostas e para o fortalecimento de repertórios.

Ao empregar diferentes contextos, estímulos e formatos de ensino, o professor possibilita que o aluno amplie sua capacidade de responder verbalmente a partir de diferentes antecedentes. Esse processo é mediado por contingências que selecionam e reforçam as respostas desejadas, tornando o comportamento verbal mais flexível e funcional. Essa flexibilidade também está intrinsecamente ligada à cultura. Nessa direção, Fonseca, Costa e Sampaio (2022) abordam a importância da cultura verbal compartilhada como elemento de sustentação para o desenvolvimento linguístico. A escola, enquanto comunidade verbal, estabelece práticas e padrões que moldam as formas de comunicação aceitas e reforçadas. Assim, o repertório verbal do aluno é desenvolvido em consonância com as exigências culturais da instituição, sendo continuamente moldado pelas consequências produzidas nessas interações.

A relevância do reforçamento é um tema recorrente e, para evidenciar sua eficácia em um cenário mais controlado, Rocha *et al.* (2024) investigaram o uso de procedimentos baseados em tentativas discretas no ensino de repertórios verbais a crianças com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA), revelando a eficácia da manipulação controlada de reforçadores para o ensino de novos operantes verbais. Embora o foco da pesquisa esteja na população clínica, seus princípios se aplicam ao contexto educacional regular, especialmente no que diz respeito à importância do reforçamento imediato e contingente à resposta emitida.

O impacto direto do mediador nesse processo também é crucial. Nessa linha, Campos *et al.* (2008) analisam o comportamento verbal de mães em função da presença ou ausência de problemas de comportamento nos filhos, sugerindo que a qualidade das contingências verbais estabelecidas influencia a instalação de comportamentos comunicativos. Em sala de aula, a frequência e o tipo de respostas verbais dos alunos também podem estar diretamente relacionados ao estilo de interação adotado pelos professores, o que reforça a necessidade de práticas educativas sensíveis ao controle por consequências.

Além de moldar as respostas existentes, um ambiente verbal rico deve promover a variação e a inovação. Nesse sentido, Joly (2001) ressalta que o desenvolvimento da criatividade verbal está vinculado à variedade de estímulos e à flexibilidade nas contingências de reforçamento presentes no ambiente. Em

contextos escolares que valorizam a produção verbal espontânea e oferecem consequências positivas para respostas diversas, os alunos tendem a ampliar seu repertório comunicativo de maneira significativa. Isso implica pensar o ensino da linguagem para além da reprodução de modelos fixos, incluindo o incentivo à variação e à experimentação verbal.

Essas estratégias, sejam elas focadas na criatividade ou na generalização, demonstram a eficácia de um ensino estruturado. Santos e Sardinha (2024) evidenciam que estratégias estruturadas de ensino do comportamento verbal são eficazes quando associadas a práticas consistentes de reforçamento. O êxito dessas intervenções depende da identificação precisa dos operantes verbais presentes, da adequação dos estímulos discriminativos e da contingência clara entre a resposta emitida e a consequência oferecida. No ambiente escolar, tais princípios possibilitam a construção de práticas pedagógicas sistemáticas voltadas à instalação e expansão de repertórios verbais que favorecem o aprendizado em diversas áreas do conhecimento.

4.1 A mediação pedagógica como elemento estruturante na instalação de repertórios verbais

A mediação pedagógica pode ser compreendida como um fator central para a formação e expansão dos repertórios verbais em ambientes de ensino. Essa mediação não se limita à transmissão de informações, mas diz respeito à organização das contingências verbais entre professores e alunos, nas quais os primeiros atuam como ouvintes qualificados e agentes de reforçamento. Nesse cenário, o educador deixa de ser apenas um emissor de conteúdos e passa a ser um modelador do comportamento verbal do estudante. Segundo Fonseca, Costa e Sampaio (2022), a cultura, enquanto conjunto de práticas compartilhadas, molda a linguagem por meio de relações verbais estabelecidas em contextos específicos, como a escola. Nesse sentido, a escola funciona como uma comunidade verbal estruturada, na qual a função do professor ganha relevo como elo entre os estímulos disponíveis no ambiente e as respostas esperadas.

Esse papel exige a criação intencional de situações nas quais diferentes operantes verbais sejam evocadas, reforçadas e mantidas. Farias e Elias (2020) demonstram que, em contextos de ensino intensivo, a qualidade e consistência da mediação pedagógica influenciam diretamente o progresso dos repertórios verbais de crianças, inclusive em condições clínicas, como no caso de gêmeos diagnosticados com transtorno do espectro autista. Para alcançar essa consistência, a mediação do professor envolve a sensibilidade para identificar quais estímulos funcionam como antecedentes eficazes para a evocação de respostas verbais e quais consequências promovem sua manutenção.

Joly (2001) ressalta que o ambiente educacional, quando estruturado com variedade de estímulos e contingências reforçadoras, favorece a produção de respostas criativas e diversificadas, o que amplia o repertório verbal dos estudantes. A criatividade verbal, por sua vez, não emerge espontaneamente, mas depende da organização sistemática de situações que reforcem variações de resposta. Em um passo além da mera evocação de respostas, o mediador

pedagógico precisa reforçar seletivamente aquelas que se mostram socialmente funcionais e academicamente relevantes.

A análise feita por Almeida e Gil (2018) indica que o desenvolvimento da linguagem em crianças pequenas é sustentado por contingências sociais sensíveis ao desempenho do aprendiz. Na prática pedagógica, isso implica na valorização das tentativas iniciais de resposta verbal, mesmo que imprecisas, e no fortalecimento progressivo da topografia desejada por meio de consequências reforçadoras adequadas. Essa seleção e fortalecimento das respostas verbais, por sua vez, só ocorrem em um contexto social. Conforme aponta Barros (2003), o comportamento verbal, por estar sob controle de estímulos específicos e consequências mediadas por ouvintes, depende de práticas sociais que reconheçam e selecionem respostas.

No contexto da mediação pedagógica, essa seleção ocorre a partir das expectativas curriculares e das interações cotidianas entre docentes e discentes. Assim, o educador assume a responsabilidade de construir um ambiente em que o aluno possa discriminar quais respostas verbais são reforçadas e em quais condições são esperadas. Essa necessidade de organização estratégica da mediação pedagógica é um ponto crucial, reforçado pelo trabalho de Santos e Sardinha (2024) em intervenções educacionais com crianças diagnosticadas com TEA. As autoras evidenciam que o ensino eficaz do comportamento verbal exige a definição clara das contingências envolvidas, bem como a repetição controlada de situações pedagógicas nas quais a criança possa praticar e consolidar seus repertórios. Essa estruturação sistemática das interações verbais também se aplica ao ensino regular, em que o sucesso da aprendizagem verbal está atrelado à qualidade da mediação.

Grecco, Almeida e Buffa (2018) destacam o impacto da mediação adulta no ensino de linguagem para crianças usuárias de implante coclear, indicando que o treino das mediadoras (no caso, as mães) contribui significativamente para o desenvolvimento de comportamentos verbais. Ao ser transposto para o ambiente escolar, esse dado reforça a tese de que professores bem preparados para operar contingências verbais obtêm melhores resultados na instalação de repertórios. O reforçamento diferencial, a modelagem e o uso de exemplos variados são estratégias que dependem da competência do mediador.

A necessidade de competência e sistematização do mediador é uma conclusão compartilhada por outras revisões. Martone e Santos-Carvalho (2012) analisaram artigos voltados ao comportamento verbal no contexto do autismo e constataram que a eficácia das intervenções estava fortemente associada ao papel do mediador, que precisava reconhecer os operantes verbais presentes e organizar o ensino conforme as necessidades do aprendiz. Tal constatação reforça o entendimento de que a mediação pedagógica não é apenas desejável, mas necessária para a eficácia do ensino da linguagem. A ausência de sistematização e sensibilidade às contingências compromete a evolução do comportamento verbal.

O impacto da mediação na sala de aula também pode ser avaliado pela qualidade das respostas dos próprios alunos. Campos *et al.* (2008) identificaram

diferenças no comportamento verbal de mães de crianças com e sem problemas de comportamento, sugerindo que a qualidade da mediação verbal influencia diretamente o desenvolvimento de repertórios comunicativos. Aplicado à escola, esse dado permite afirmar que as práticas verbais do professor precisam ser intencionalmente estruturadas para produzir efeitos positivos na aprendizagem. A frequência, o tipo e a função das respostas verbais emitidas pelos alunos refletem a natureza das contingências estabelecidas pelos mediadores.

Por fim, essa mediação atua como elo entre a teoria e a prática. Conforme destaca De Rose (2005) ao tratar da aprendizagem de leitura e escrita sob a ótica da análise do comportamento, destaca que a mediação eficaz não se limita ao conteúdo, mas abrange a forma como o ensino é conduzido. A leitura e a escrita, enquanto produtos de repertórios verbais complexos, exigem do educador a capacidade de analisar e intervir nas contingências que moldam o comportamento verbal do aprendiz. Dessa maneira, a mediação pedagógica torna-se o eixo articulador entre o ambiente escolar e a aquisição de habilidades linguísticas essenciais para o desempenho acadêmico e social dos alunos.

4.2 O papel do ouvinte na manutenção das interações verbais em ambientes escolares

O papel do ouvinte na manutenção das interações verbais em ambientes escolares é um aspecto central da análise funcional da linguagem. O comportamento verbal, conforme delineado por Skinner, pressupõe a existência de um ouvinte que, ao fornecer consequências apropriadas, reforça determinadas formas de responder. Em contextos educacionais, o ouvinte é, frequentemente, o professor, que atua não apenas como reforçador, mas também como discriminativo para a emissão de respostas. Barros (2003) afirma que, sem a presença do ouvinte, o comportamento verbal não se completa funcionalmente, pois é a consequência social mediada por esse ouvinte que o mantém em operação.

Essa visão sobre a função ativa do ouvinte é detalhada em outros estudos. Fonseca (2003) explica que o comportamento do ouvinte não se resume a escutar passivamente, mas envolve emitir respostas que funcionam como reforçadores para a manutenção do comportamento verbal do falante. A importância da escuta qualificada no ambiente escolar se manifesta na maneira como o educador responde às falas do aluno, selecionando e reforçando aquelas que são mais relevantes dentro dos objetivos pedagógicos. Nesse sentido, o ouvinte participa ativamente da configuração do repertório linguístico dos alunos, seja por meio de aprovação verbal, gestos de encorajamento ou correções funcionais (Dáhas *et al.*, 2008).

A atuação do ouvinte, especialmente no contexto escolar, contribui para a expansão das habilidades linguísticas dos alunos, pois permite que novas respostas sejam evocadas e mantidas por reforçamento. Almeida e Gil (2018) argumentam que, na infância, a aprendizagem da linguagem ocorre em meio a contingências sociais estáveis, sendo a atuação do ouvinte fundamental para que o falante desenvolva repertórios verbais mais complexos. Nessa



perspectiva, compreender o papel do ouvinte como elemento central no processo de ensino-aprendizagem permite aproximar a teoria do comportamento verbal das práticas pedagógicas cotidianas. No ambiente educacional, essas contingências são reproduzidas por meio de interações pedagógicas estruturadas que exigem do professor não apenas domínio do conteúdo, mas sensibilidade às variáveis comportamentais que sustentam a comunicação.

Essa mediação não ocorre de forma isolada: além da figura do professor, a função do ouvinte é desempenhada de forma compartilhada na sala de aula. A análise do papel do ouvinte não pode se restringir à figura do educador, mas deve considerar também os próprios alunos como participantes ativos nas interações verbais. Fonseca, Costa e Sampaio (2022) destacam que, em comunidades verbais, como é o caso das instituições escolares, os indivíduos ocupam alternadamente as funções de falante e ouvinte, o que exige repertórios distintos, porém interdependentes. Essa alternância de papéis favorece a construção de uma cultura verbal na qual o comportamento de escuta é tão relevante quanto o de fala, ambos sendo moldados pelas contingências presentes no ambiente. Desse modo, o ambiente escolar se configura como um espaço de trocas verbais dinâmicas, nas quais o comportamento de escuta e o de fala se retroalimentam, promovendo o desenvolvimento linguístico e social.

A qualificação da resposta do ouvinte, é decisiva para o sucesso da mediação pedagógica. Grecco *et al.* (2018) ressaltam que a qualificação da resposta do ouvinte é decisiva para o sucesso de intervenções verbais, como observado em contextos familiares. No espaço escolar, esse princípio se mantém: o modo como o professor escuta e reage às respostas do aluno pode fortalecer ou enfraquecer repertórios verbais em formação. Quando transportadas para o ambiente escolar, essas evidências indicam que o modo como o professor escuta e reage às respostas do aluno influencia diretamente a eficácia da instrução. Respostas pouco sensíveis às variáveis comportamentais podem enfraquecer repertórios verbais em desenvolvimento, ao passo que reforçamentos apropriados podem consolidar habilidades comunicativas.

Dessa forma, a escuta ativa torna-se um componente essencial da mediação pedagógica. A escuta ativa como prática pedagógica requer do educador a capacidade de discriminar diferentes formas de resposta verbal e oferecer consequências compatíveis com os objetivos educacionais. Campos *et al.* (2008) analisam como o comportamento verbal de mães varia conforme a presença de problemas de comportamento nos filhos, o que ilustra a importância do papel do ouvinte em ajustar suas respostas de forma funcional. Analogamente, em sala de aula, a escuta diferenciada possibilita ao professor adaptar sua mediação conforme as necessidades verbais apresentadas pelos estudantes, garantindo a efetividade do processo de ensino.

A necessidade de sistematização do ouvinte é ainda mais evidente em contextos de intervenção direta. Rocha *et al.* (2024) apresentam evidências da eficácia do ensino por tentativas discretas no desenvolvimento do comportamento verbal em crianças com transtorno do espectro autista, destacando que o comportamento do ouvinte, nesse tipo de intervenção, é

sistematicamente manipulado para manter as interações verbais. Esse tipo de prática reforça a noção de que, para além do ensino do falante, é preciso organizar o papel do ouvinte de modo que ele contribua diretamente para o fortalecimento de repertórios verbais emergentes. A ausência de resposta apropriada do ouvinte compromete não apenas a interação, mas o próprio processo de aprendizagem.

Corroborando essa necessidade de estruturação, Santos e Sardinha (2024) enfatizam que o comportamento verbal em crianças com dificuldades de comunicação exige estratégias que valorizem a função do ouvinte na sustentação do diálogo. Assim, o desenvolvimento da linguagem deve ser compreendido como um fenômeno relacional, dependente da sensibilidade do ouvinte e da responsividade do ambiente social. No espaço escolar, o desenvolvimento da linguagem não ocorre de forma isolada, mas dentro de um sistema de interações que dependem da sensibilidade do ouvinte para que as respostas sejam mantidas e generalizadas. A eficácia do ensino da linguagem depende, assim, da capacidade do ouvinte de reconhecer, responder e reforçar adequadamente os diferentes operantes verbais emitidos.

Martone e Santos-Carvalho (2012), ao analisarem artigos sobre comportamento verbal e autismo, verificaram que os resultados mais consistentes estavam associados às intervenções nas quais o papel do ouvinte era claramente estruturado. No contexto educacional, isso se traduz na compreensão de que o professor, enquanto ouvinte, atua como agente de manutenção do diálogo e promotor de novas interações verbais, o que reforça a dimensão técnica da escuta pedagógica. A escuta pedagógica, nesse caso, é uma competência técnica que deve ser desenvolvida e sistematizada.

Além de sustentar e reforçar as respostas existentes, um ouvinte qualificado também estimula a inovação. Nesse sentido, Joly (2001) argumenta que o estímulo à criatividade verbal em ambientes educacionais depende de interações que permitam variação e exploração linguística. O ouvinte, ao validar diferentes formas de expressão, contribui para a ampliação do repertório do falante. Portanto, ambientes que valorizam a escuta qualificada não apenas consolidam aprendizagens já adquiridas, mas também fomentam a criação de novas respostas verbais, essenciais para o desenvolvimento integral dos estudantes.

5. Considerações finais

Enquanto tal, é digno de nota que poucos trabalhos se dedicaram a descrever de maneira mais sistemática os mecanismos responsáveis pelo estabelecimento e manutenção de repertórios verbais em ambiente escolar conforme proposto por Skinner. Portanto, na presente pesquisa, opta-se por uma revisão bibliográfica direcionada às contingências de reforçamento, atuação pedagógica e ao papel do ouvinte na criação de linguagem em situações educacionais. O estudo pauta-se na tentativa de explicação de como estes três aspectos, organizados intencionalmente, promovem a emergência e fortalecimento de operantes verbais em condições de ensino. Orientou-se pelo



entendimento que o comportamento verbal enquanto operante mediado socialmente requer, para sua instauração, a presença de condições ambientais específicas e tais condições são, na maioria, controláveis no cenário de uma sala de aula. Assim sendo, decidiu-se definir o papel do professor enquanto agente modelador, promotor e supressor de repertórios verbais.

Os dados analisados permitiram evidenciar que o professor, ao atuar como ouvinte qualificado e modelador de respostas, desempenha papel central na constituição do repertório verbal do aluno. Observou-se que a escuta pedagógica, quando exercida de maneira funcional, sensível e reforçadora, favorece a ampliação da comunicação e contribui para o desenvolvimento da autonomia dos estudantes. Além disso, constatou-se que a organização de estímulos discriminativos e o uso sistemático de reforçadores positivos promovem interações verbais mais frequentes e duradouras. A análise demonstrou que, ao estruturar o ambiente com base em princípios comportamentais, o educador amplia as possibilidades de aprendizagem verbal de forma significativa.

Verificou-se, ainda, que a diferenciação entre os repertórios de falante e de ouvinte, conforme proposta por Skinner (1957), oferece subsídios importantes para o planejamento de intervenções pedagógicas mais precisas e eficazes. A compreensão dessa independência funcional permite ao educador elaborar estratégias distintas para ensinar os dois repertórios, reconhecendo que cada um requer práticas específicas de ensino e reforçamento. A escuta ativa e a emissão adequada de respostas são, nesse contexto, produtos de contingências cuidadosamente planejadas que envolvem a mediação do professor e o engajamento do aluno em interações verbais autênticas.

Entre os achados, destacam-se também os efeitos da mediação pedagógica sobre o desenvolvimento da linguagem. Ficou evidente que o modo como o professor estrutura as interações e organiza as contingências pedagógicas influenciam diretamente a instalação de operantes verbais. A mediação que se apoia nos princípios da análise do comportamento não se limita à transmissão de conteúdos, mas inclui a modelagem, o reforçamento diferencial e a promoção da generalização de respostas verbais. Essa atuação sistemática e planejada contribui para a construção de repertórios duradouros e ajustados às demandas sociais e acadêmicas presentes no cotidiano escolar.

É possível notar que o desenvolvimento dos repertórios verbais no ambiente escolar é um comportamento altamente complexo e multifatorial, amparado por uma ciência empírica que o compreende e pode orientar sua condução. A proposta de análise funcional apresentada por Skinner, portanto, realiza o que promete e, ao fazê-lo, provê uma estrutura teórica e metodológica que pode culminar em práticas pedagógicas mais eficazes, inclusivas e responsivas. Pensar a linguagem como comportamento verbal necessário, ou seja, comportamento operante que atende a critérios específicos em função de uma relação definida com a mudança no ambiente, faz dele um comportamento propenso a modelagem. Quando se considera o ouvinte, as contingências e a mediação pedagógica, os comportamentos já aprendidos e os prefixados de

quem fala e quem ouve, o verbo como um comportamento verbal acionado em função de um contexto se torna o foco de intervenção sob pressuposição de uma mudança.

REFERÊNCIAS

AGUIRRE, Angelica; VALENTINO, Amber L.; LEBLANC, Linda A. Empirical investigations of the intraverbal: 2005–2015. **The Analysis of Verbal Behavior**, v. 32, n. 2, p. 139-153, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40616-016-0064-4>. Acesso em: 02 out. 2025.

ALMEIDA, Christiana; GIL, Maria Stella Coutinho. Análise do comportamento e desenvolvimento da linguagem: perspectivas teóricas e pesquisas com crianças pequenas. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 20, n. 4, p. 93-115, 2018.

ALMEIDA-VERDU, Ana Cláudia Moreira; NEVES, Anderson José das; GOMES, Máyla Lins de Carvalho; SOUZA, Leylanne Maria Rodrigues; BENITEZ, Priscila; BONDIOLI, Ricardo Moreira; GIL, Maria Stella Coutinho de Alcântara; DOMENICONI, Camila. **Comportamento verbal: diferentes perspectivas de ensino individualizado com variadas populações**. In: BORGES, Nádia; AURELIANO, Luciana; LEONARDI, João Lucas (org.). *Comportamento em foco*. São Paulo: ABPMC, 2014. v. 4, p. 125-142. Disponível em: <https://doi.org/10.13140/2.1.2809.8569>. Acesso em: 06 out. 2025.

ARDILA, Rubén. Verbal Behavior de B. F. Skinner: sua importância no estudo do comportamento. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 2, p. 195-197, 2007. Acesso em: 07 out. 2025.

AZOUBEL, Marcos Spector; RODRIGUES NETO, João Manuel; ALVES, Henrique Fernando Rocha; BRUNO, Giulia Cândido. A presença de Skinner em artigos analítico-comportamentais brasileiros (1961–1998). **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 25, p. 1-15, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v24i1.1755>. Acesso em: 02 out. 2025.

BARROS, Romariz. Uma introdução ao comportamento verbal. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 1, p. 73-82, 2003. Acesso em: 03 out. 2025.

BOAS, Denise de Lima Oliveira Vilas. **Interação familiar-bebê na aquisição interdependente dos repertórios ouvinte-falante**. 2014. Tese (Doutorado em Psicologia) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Acesso em: 06 out. 2025.

CAMPOS, Josiane Rosa; SILVA, Alessandra Turini Bolsoni; PEZZATO, Fernanda Augustini; MARCOS, Márcio Alleoni. Comportamento verbal de mães de



crianças pré-escolares com e sem problemas de comportamento. **Revista Argumento**, v. 10, n. 16, p. 33-45, 2008. Acesso em: 07 out. 2025.

Disponível em:

<https://revistas.anchieta.br/index.php/revistaargumento/article/view/676>

Acesso em: 27 nov. 2025.

CORDEIRO, Neylla Cristhina Pereira; MATOS, Daniel Carvalho. Efeitos do feedback instrucional sobre a aquisição de repertórios múltiplos em crianças com autismo. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 25, n. 1, p. 1-17, 2023. Disponível em:

<https://rbtcc.com.br/RBTCC/article/view/1739>. Acesso em: 02 out. 2025.

DE ROSE, Júlio César. Análise comportamental da aprendizagem de leitura e escrita. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 1, n. 1, p. 29-50, 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.18542/rebac.v1i1.676>. Acesso em: 03 out. 2025.

DEVELOPMENTAL REVIEW. Developing communication through objects: Ostensive gestures as the first gestures in children's development.

Developmental Review, v. 68, p. 101076, 2023. Disponível em:

<https://doi.org/10.1016/j.dr.2023.101076>. Acesso em: 06 out. 2025.

FARIAS, Suelen Priscila Macedo; ELIAS, Nassim Chamel. Marcos do comportamento verbal e intervenção comportamental intensiva em trigêmeos com autismo. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 24, p. e215946, 2020. Acesso em: 07 out. 2025.

FONSECA, Maria de Lourdes Rodrigues. A análise funcional do comportamento verbal em Verbal Behavior (1957) de B. F. Skinner. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 5, n. 2, p. 195-213, 2003. Acesso em: 02 out. 2025.

FONSECA, Samuel; COSTA, Dyego; SAMPAIO, Ângelo Augusto Silva. O estudo experimental das relações entre cultura e comportamento verbal: uma revisão de escopo. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 13, n. 2, p. 31-53, 2022. Acesso em: 03 out. 2025.

GRECCO, Maísa Kich; ALMEIDA, Ana Cláudia Mendes; BUFFA, Maria José Monteiro Benjamin. Treinamento parental de ensino de comportamento verbal para crianças usuárias de implante coclear: uma intervenção com mães. **Boletim da Academia Paulista de Psicologia**, v. 38, n. 95, p. 218-229, 2018. Acesso em: 06 out. 2025.

GREER, Robert Douglas; ROSS, Denise E. Verbal behavior analysis: Inducing and expanding new verbal capabilities in children with language delays.

Pearson, 2008. Acesso em: 07 out. 2025.



GUERRA, Bárbara Trevizan; VERDU, Ana Cláudia Moreira Almeida. Ensino de comportamento verbal elementar por exemplares múltiplos em crianças com autismo. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. e185295, 2020. Acesso em: 02 out. 2025.

INFANT BEHAVIOR & DEVELOPMENT. Infants' behaviours elicit different verbal, nonverbal, and multimodal responses from caregivers during early play. **Infant Behavior & Development**, v. 71, p. 101828, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2023.101828>. Acesso em: 03 out. 2025.

JOLY, Maria Cristina Rodrigues Azevedo. A criatividade verbal e sua importância nos ambientes educacionais. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 5, p. 11-20, 2001. Acesso em: 06 out. 2025.

MARTONE, Maria Carolina Côrrea; SANTOS-CARVALHO, Larissa Helena Zani. Uma revisão dos artigos publicados no Journal of Applied Behavior Analysis (JABA) sobre comportamento verbal e autismo entre 2008 e 2012. **Perspectivas em Análise do Comportamento**, v. 3, n. 2, p. 73-86, 2012. Acesso em: 07 out. 2025.

MASON, Lee; OTERO, Maria; ANDREWS, Alonzo. Analyzing the functional interdependence of verbal behavior with multiaxial radar charts. **Perspectives on Behavior Science**, v. 47, p. 471-498, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40614-024-00404-6>. Acesso em: 02 out. 2025.

MING, Siri; STEWART, Ian; MCELWEE, John. Integrating Relational Frame Theory (RFT) and Verbal Behavior (VB) in early intervention. **The Psychological Record**, v. 74, n. 4, p. 1-16, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40732-024-00591-3> Acesso em 27 nov. 2025.

O'NEIL, Adrienne; SATO, Sara K.; MIGUEL, Caio F.; HEINICKE, Megan R.; VLADESCU, Jason C.; FIENUP, Daniel M. A treatment evaluation of successive and simultaneous visual stimulus presentation during tact training with children with autism. **The Analysis of Verbal Behavior**, v. 39, n. 2, p. 206-225, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40616-023-00192-1>. Acesso em: 03 out. 2025.

PETURSDOTTIR, Anna Ingeborg; DEVINE, Bailey. The impact of Verbal Behavior on the scholarly literature from 2005 to 2016. **The Analysis of Verbal Behavior**, v. 33, n. 2, p. 212-228, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s40616-017-0089-3>. Acesso em: 06 out. 2025.

ROCHA, Raphael Weber Silva; OLIVEIRA, Beatriz Ferraz de; QUEIROZ, Luísa Bacelar; SOARES, Gênesis Guimarães. O desenvolvimento do comportamento verbal em crianças com transtorno do espectro autista a partir do ensino por tentativas discretas. **Revista Educação Inclusiva (REIN)**, v. 9, n. 1, p. 108-130, 2024. Acesso em: 07 out. 2025. Disponível em:



https://revista.uepb.edu.br/REIN/pt_BR/article/view/1889 Acesso em: 03 out. 2025.

SANTOS, Silma Moreira; SARDINHA, Ana Paula. Ensino do comportamento verbal para crianças com TEA: estratégias para desenvolvimento da comunicação – uma revisão sistemática. **Revista Comunicação Universitária**, v. 4, p. 1-27, 2024. Acesso em: 02 out. 2025.

SILVA, Elaine de; ELIAS, Nassim; BARROS, Romariz. A comparison of teaching intraverbal-tact and listener relations to children diagnosed with autism spectrum disorder. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e40204.en>. Acesso em: 03 out. 2025.

SIMON, Carsta. The ontogenetic evolution of verbal behavior. **European Journal of Behavior Analysis**, v. 21, n. 2, p. 364-381, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1080/15021149.2019.1710034>. Acesso em: 06 out. 2025.

SIVARAMAN, Maithri; BARNES-HOLMES, Dermot; GREER, Robert Douglas; FIENUP, Daniel M.; ROEYERS, Herbert. Verbal behavior development theory and relational frame theory: reflecting on similarities and differences. **Journal of the Experimental Analysis of Behavior**, v. 119, n. 3, p. 539-553, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1002/jeab.836>. Acesso em: 07 out. 2025.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Sobre o behaviorismo**. Tradução de Maria da Penha Villa Lobos. São Paulo: Cultrix, 1974.

SKINNER, Burrhus Frederic. **Verbal behavior**. New York: Prentice Hall, 1957.

SMITH, Dean P.; HAYWARD, Diane W.; GALE, Catherine M.; EIKESETH, Svein; KLINTWALL, Lars. Treatment gains from early and intensive behavioral intervention (EIBI) are maintained 10 years later. **Behavior Modification**, v. 45, n. 4, p. 581-601, 2019. <https://doi.org/10.1177/0145445519882895>.

STURDY, Christopher B.; NICOLADIS, Elena. How much of language acquisition does operant conditioning explain? **Frontiers in Psychology**, v. 8, p. 1918, 2017. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.01918>.

VARGAS, Ernst A. O comportamento verbal de B. F. Skinner: uma introdução. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 9, n. 2, p. 153-174, dez. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-55452007000200002. Acesso em: 04 out. 2025.

Recebido em: 10 de abril de 2025.
Aceito em: 02 de dezembro de 2025.
Publicado em: 05 de janeiro de 2026.

